

FACULDADE JK MICHELÂNGELO
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
UNAT-BRASIL
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**OS AMORES LÍQUIDOS E A NECESSIDADE HUMANA DE
CARÍCIAS**

ALINE FERREIRA ROSA

Uberlândia – MG

2016

ALINE FERREIRA ROSA

OS AMORES LÍQUIDOS E A NECESSIDADE HUMANA DE CARÍCIAS

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK Michelângelo e à União Nacional de Analistas Transacionais – Brasil, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Orientadora: Fernanda Nogueira Rodrigues

Uberlândia – MG

2016

OS AMORES LÍQUIDOS E A NECESSIDADE HUMANA DE CARÍCIAS

LIQUID LOVINGS AND THE HUMAN NEED OF STROKES

ALINE FERREIRA ROSA¹

Faculdade JK Michelângelo

UNAT-BRASIL – União de Analistas Transacionais - Brasil

Resumo: O amor líquido discorrido por Bauman (2003) contempla os relacionamentos afetivos vivenciados na atualidade, cuja principal característica é a frouxidão e volatilidade dos laços. Na teoria da Análise Transacional, Berne (1974) defende que, para o ser humano permanecer vivo, necessita de interação uns com os outros para troca de Carícias. Assim, o objetivo deste trabalho é traçar uma possível relação entre as Carícias e os tipos de relacionamento estabelecidos na era do amor líquido. Ao fazer esse paralelo pode-se pensar na hipótese de que devido a pouca Intimidade é possível que se aceite amores líquidos para que se receba o mínimo necessário de Carícias. Este estudo auxilia nas reflexões acerca das possibilidades de relacionamentos saudáveis, vivenciados com Intimidade.

Palavras-Chave: Amor Líquido; Análise Transacional; Carícias; Afetividade; Laços Humanos.

Abstract: The Liquid Love discussed by Bauman (2003) contemplates the affective relationships experienced today, whose main characteristic is the looseness and volatility of the bonds. In the theory of Transactional Analysis, Berne (1974) argues that, for the human being to remain alive, it requires interaction with one another to exchange Strokes. Thus, the purpose of this work is to draw a possible relation between the Strokes and the types of relationship established in the age of liquid love. In making this parallel one can think of the hypothesis that due to little Intimacy it is possible that one accepts liquid loves so that one receives the necessary minimum of Strokes. This study helps in the reflections about the possibilities of healthy relationships, experienced with Intimacy.

Keywords: Liquid Love; Transactional Analysis; Strokes; Affectivity; Human Bonds.

¹ Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia
Psicóloga Clínica
E-mail: aline.frs@hotmail.com

Nos sete últimos anos tenho escutado relatos e conflitos acerca dos relacionamentos afetivos, tanto em ambiente de consultório com os clientes, quanto em minha vida pessoal através de amigos e conhecidos. As narrativas giram em torno de relacionamentos instáveis caracterizados como – ficar – que são envolvimento de casais com barreiras que não podem ser ultrapassadas como, por exemplo, o compromisso sério. O ficar envolve contato sexual por uma noite ou alguns dias sem a necessidade ou segurança de continuidade, laços afetivos ou fidelidade com o parceiro em questão. Apesar da liberdade que tal relacionamento proporciona, as vivências com as quais tenho contato são carregadas de insegurança quanto ao futuro, insatisfação quanto à infidelidade e sofrimento acerca do vazio sentido pela não continuidade e falta de Intimidade. Dessa forma, iniciou o meu interesse sobre este estudo.

Bauman (2003) refere-se ao – Amor Líquido – como relacionamentos humanos estabelecidos por laços extremamente frágeis. A sociedade se encontra em um padrão de consumismo exagerado, em que o mais importante é a possibilidade de novas compras e não a de adquirir um objeto durável de boa qualidade, de modo que qualquer notebook ou celular em ótimas condições de uso são trocados, rapidamente, por modelos mais novos e potentes. As mercadorias são obtidas como objetos que podem ser trocados por outros que agradem mais, mesmo sem garantia de qualidade, e são obtidos pelo prazer em comprar. Nesse modelo de sociedade, o – desejo – uma vontade que necessita de um tempo de germinar, amadurecer e crescer, é posto de lado em prol dos impulsos de satisfações imediatas. Manter e criar um desejo torna-se constrangedor e desconfortável, e o imposto é a entrega plena aos impulsos. Desta forma, pode-se comparar os padrões de consumo com os relacionamentos afetivos, sendo que estes são encarados como objetos de consumo, os quais devem ser usados somente uma vez, sem preconceito, de forma descartável, deixando brechas para serem trocados por outros de forma rápida, cedendo e vivenciando os impulsos sexuais.

Render-se aos impulsos, ao contrário de seguir um desejo, é algo que se sabe transitório mantendo-se a esperança de que não deixará consequências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtase prazeroso. No caso de parcerias, e particularmente de parcerias sexuais, seguir os impulsos, em vez dos desejos, significa deixar as portas escancaradas "a novas possibilidades românticas". (BAUMAN 2003, p.27)

Segundo Bauman (2003), nesses relacionamentos tidos como amor líquido deve-se entrar plenamente consciente, frio e sóbrio para manter-se seguro quanto ao futuro. Sentimentos de amor, paixão e desejo que tiram o fôlego, não devem entrar em jogo, pois podem expor insegurança e flutuações de emoções. Na verdade, o que conta é a conveniência proporcionada pelo relacionamento, com a qual se lida com a cabeça fria e não com o coração quente, e deve-se seguir em frente mediante qualquer alteração emocional, pois é o tráfego que sustenta todo o prazer e não a construção de algo sólido.

De acordo com a teoria da Análise Transacional, base deste estudo, Berne (1974), seu fundador, relata a necessidade das pessoas terem algum tipo de relacionamento social devido ao anseio de Reconhecimento. Este anseio leva os indivíduos a interagirem para trocarem estímulos, formando a diversidade de tipos de relacionamentos sociais.

Berne (1974) denomina como Carícias os estímulos intencionalmente dirigidos de uma pessoa para outra, com possibilidade de comunicação, acompanhados de um componente emocional o qual reconhece a existência do outro. Segundo ele, as Carícias são uma necessidade básica vital para o ser humano, sendo sua importância para o psiquismo a mesma que o alimento é para o corpo físico. Dessa forma, pode-se afirmar que a procura de relacionamentos é inerente ao ser humano frente à necessidade de busca de Carícias.

A partir dos dados discorridos, o objetivo deste trabalho é traçar uma possível relação entre as Carícias e os tipos de relacionamento estabelecidos na era do amor líquido.

Amor líquido

Bauman (2003) propõe que na atualidade líquida os vínculos humanos apresentam uma ambivalência entre manterem-se frouxos ou estreitar-se. Cada vez mais as pessoas estão desesperadas para relacionar-se, entretanto desconfiam e temem a ligação permanente com alguém pela suposição de consequências insuportáveis como, por exemplo, a perda de liberdade. Assim, dão lugar às relações mais diluídas, com propósitos de permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar e satisfazer sem oprimir. Neste contexto, surgem os relacionamentos de bolso, os quais são utilizados somente quando necessário e depois são guardados novamente; as relações virtuais, sendo de fácil entrada e saída esperando

possibilidades românticas em grande velocidade e volume avaliando qual seria mais satisfatória e completa; e os relacionamentos que passam por constantes revisões verificando a permanência de vantagens para continuar. Desse modo, a quantidade se torna mais valiosa que a qualidade dos relacionamentos.

Ainda segundo este autor, na sociedade de consumo, a maior dificuldade em estabelecer um relacionamento estável é a crença de que estar ligado a alguém cria uma lacuna de inúmeras outras possibilidades românticas perdidas, as quais poderiam ser melhores. Assim, relacionamentos descartáveis vislumbram vantagens, pois ao usar e jogar fora existe a possibilidade de usar algo novo, esperando que agrade mais que o anterior. Relacionamentos duradouros são tidos como opressores, pois se tornam obsoletos e tiram a oportunidade de escolha. A atualidade líquida não propõe o acúmulo de bens, e sim valoriza a velocidade, leveza, variedade, rotatividade e novidade proposta pela vida consumista.

Da mesma forma que nos negócios da sociedade capitalista, os relacionamentos requerem altos investimentos de tempo, dinheiro e esforços. Como há riscos, as pessoas preferem investir em coisas mais fáceis, as quais não demandam tantos valores. Estar em um relacionamento é conviver com a incerteza de que esses investimentos valerem ou não a pena, e até quando podem durar (BAUMAN, 2003).

Segundo Bauman (2003), nos relacionamentos virtuais, o estar consigo mesmo ou estar em verdadeira Intimidade, são substituídos por uma interação frenética e frívola, em que a importância é dada ao estar conectado através da rede, não envolvendo o conteúdo. As relações virtuais tornam as conexões humanas mais frequentes, mais triviais, mais intensas e mais breves, permitindo estar conectado ao outro, mas, ao mesmo tempo estar à parte, afastado, sozinho, vinculado apenas por um aparelho e não por si mesmo.

O conceito acerca do amor sofreu bastante alteração nos últimos anos de acordo com Bauman (2003). Antes o tido como – até que a morte nos separe – foi substituído pelas inúmeras possíveis experiências de estar apaixonado, nas quais existe o amor naquele momento mas que é passível de vivê-lo com outras pessoas. Nesse aspecto, o próprio ato do sexo foi modificado e denominado como uma possibilidade momentânea de fazer amor. Esse leque de experiências pode levar à crença de que quanto mais se pratica e se vivencia o amor, maior habilidade se construirá neste quesito. Entretanto, o conhecimento adquirido é acerca de um amor

intenso, curto e impactante, potencializando a habilidade em terminar rápido e iniciar outro relacionamento, ao invés de aprender a conviver com a pessoa amada.

Os laços sanguíneos que determinam parentesco são permanentes e independem de decisões ou preferências. A afinidade, por sua vez, nasce de uma escolha e somente permanece caso seja reafirmada diariamente com ações que possam mantê-la. A seleção de um parceiro requer afinidade, e então prevê um cuidado constante para mantê-la viva. Os passos de um relacionamento seriam transformar, através dos rituais de casamento, essa afinidade em uma nova família, e assim criar parentesco entre os descendentes, mas este preço de ser para sempre pode ser alto demais. Dessa forma, os habitantes do líquido mundo moderno, desprezando tudo que seja durável, criam o viver juntos ou morar juntos, que não pressupõe vínculos de parentescos nem rituais com testemunhos, trazendo o atrativo de morar e estar junto a alguém sem o medo de danos morais ou financeiros caso a afinidade cesse (BAUMAN, 2003).

Casale (1994) discorre acerca das consequências geradas pela maior igualdade entre os sexos. Anteriormente, com papéis familiares mais bem definidos e com normas rígidas acerca de direitos e deveres, homens e mulheres ocupavam seu local e exerciam suas funções de maneira mecânica e previsível. Hoje em dia, com os direitos iguais para homens e mulheres, o relacionar-se afetivamente torna-se mais flexível e ampliado. Também se pode observar tal situação na troca de relacionamentos estabelecidos pelas escolhas paternas por relacionamentos de escolha própria.

O ser humano é por natureza, sexual, e esta condição inerente faz com que anseie por convívio. A sexualidade comprova que qualquer ser humano autossuficiente na verdade é um ser gregário, incompleto e insatisfeito, a não ser que esteja unido a outro. Antigamente, a condição sexual ligava aos laços afetivos e assim construíam-se amores sólidos com fidelidade acoplada. Hoje, o sexo se distingue de relações de amor, tornando possibilidades efêmeras e de não exclusividade. O sexo torna-se possibilidade de resposta ao desejo físico nada dizendo respeito à fusão total da união amorosa. A fusão sexual permite uma união de curto período de tempo, até o período do orgasmo, visto às vezes como liberdade, retornando ao estagio de solidão minutos depois. Desde modo, cria-se a expectativa de um sexo autossuficiente e o julgam apenas pela satisfação que possa trazer por si mesmo. Em paralelo, começa a aumentar a frustração diante de um ato.

A dissociação entre sexo e afeto, na qual as performances substituem o êxtase, a espontaneidade e a emoção foram trocadas pela fisiologia dos prazeres físicos criando máscaras de falsa felicidade que encobrem amores frustrados, medo, solidão, hipocrisia, egoísmo, compulsão (BAUMAN, 2003).

De acordo com Bauman (2003), o encontro sexual promove a insegurança de saber se é o início ou término de um relacionamento. Todavia, o slogan – sexo seguro – foi vinculado ao uso de preservativos e não à segurança emocional, na tentativa de tornar concreta e controlável uma ansiedade sempre existente sobre as consequências desse ato. Também foram criadas nomenclaturas para denominar encontros e parceiros sexuais esporádicos. Entretanto, por mais que se tente, não há segurança que o encontro meramente casual e sexual não tenha consequências emocionais e perdure.

Bauman (2003) discorre também sobre outro fator ansiogênico da sociedade de amores líquidos, o nunca saber se está vivendo uma mentira, ou perdendo uma oportunidade de um melhor relacionamento; há medo de negligenciar alguma sensação importante, de não aproveitar tudo que a vida possa oferecer, de perder alguma experiência inigualável de felicidade, de não estar vivenciando seus desejos.

Segundo Bauman (2003), os relacionamentos para sempre, com uma confiança digna de investimento, foram substituídos pela flexibilidade, fluidez e fragilidade da falta de segurança de algo contínuo. Nos dias de hoje prioriza-se o convívio humano, no qual há ganhos satisfatórios para ambas as partes. Este relacionamento pode, então, ser rompido a qualquer momento pelo desejo de qualquer uma das partes. Logo, instaura-se mais insegurança devido ao risco de investir em uma relação cujo parceiro pode simplesmente não querer mais.

Carícias

Berne (1974) caracteriza – Carícia – como a unidade básica da ação social, sendo uma expressão geral para o contato físico íntimo, que pode ser praticado de diversas formas, desde um abraço, passando por elogios e críticas, chegando até mesmo numa agressão física.

Goulding e Goulding (1995) caracterizam Carícias como uma unidade de reconhecimento, e as dividem em três tipos: físicas que são relacionadas ao toque; verbais representadas por palavras; e não verbais consistindo em acenos, piscadelas, gestos, entre outros. Também denominam as Carícias como

incondicionais, quando fornecidas para a pessoa pelo o que ela é, e condicionais sendo dependentes de determinadas ações. Podem ser positivas, como toques físicos carinhosos, palavras gentis e gestos amigáveis, ou podem ser negativas, como tapas, repressões e caras feias.

Em complemento, Kértész (1987) afirma que Carícias são estímulos sociais dirigidos de um ser vivo para outro, que reconhece a existência daquele. Assim, as Carícias são uma forma de intercâmbio do organismo com o ambiente.

Berne (1974), através de um estudo realizado por Spitz e também por observação de adultos em sistema de privação sensorial, observou evidências de que a privação de contato físico leva ao enfraquecimento e pode, inclusive, ter uma consequência fatal. Tal fato tem a corroboração do aspecto biológico do ser, pois o sistema reticular, responsável por alimentar o cérebro, necessita de estímulos para que não haja alterações degenerativas das células nervosas.

Dessa forma, Berne (1976) afirma que "o ser humano que não é acariciado com palavras de alegria ou mãos carinhosas se murchará e morrerá por dentro" (p.154), e também coloca que pessoas saudáveis, vigorosas e vivazes são constituídas pelo contato físico. Dessa forma, a falta de atividade social acarreta na escassez de Carícias e leva o indivíduo à solidão, uso de drogas ou comida no lugar de pessoas, tornando-se menos atraente e mais introspectiva, de modo a movimentar menos no mundo, ocasionando em menos Carícias ainda, fechando um ciclo vicioso.

Logo, entende-se que uma pessoa pode ficar carente por falta de Estímulos, e que tais Estímulos são mais eficazes na medida em que são adquiridos na Intimidade. Segundo Berne (1988) a Intimidade é uma maneira de estruturar socialmente o tempo na presença de relacionamentos cândidos, em que há reciprocidade de expressão emocional sem Jogos Psicológicos, constituído por um dar e receber livre e sem exploração. A Intimidade é uma forma de receber mais Carícias Positivas e autênticas.

Segundo Berne (1974), o Jogo Psicológico é uma série de Transações Complementares e Ulteriores, correspondente a um conflito de Desfecho definido e dramático, com motivações ocultas de natureza inconfessada. Todo Jogo é desonesto e, por meio dele, consegue-se apenas Carícias Negativas.

Berne (1988) define Posição Existencial como referência e valores arraigados no ser, mediante os quais o indivíduo percebe o mundo e a si mesmo, formalizando

o conceito de oqueidade e não-oqueidade que justifica uma Decisão. Essa imagem interfere diretamente nos relacionamentos e, geralmente, esses valores acerca de si e do mundo são adquiridos na infância. James e Jongeward (1986) ressaltam que a livre troca de Carícias positivas promove o desenvolvimento emocional saudável, criando pessoas na Posição Existencial – Eu sou *Ok*, você é *Ok*.

James e Jongeward (1986) divulgam que as Carícias positivas fazem as pessoas se sentirem bem, vivas, alertas e aceitas. Em maior profundidade aumentam o sentido individual de bem estar, apoiam sua inteligência e, geralmente, causam satisfação. Podem também fornecer informações sobre a competência de cada um, auxiliando na tomada de consciência das habilidades e dos recursos individuais.

A bateria de Carícias

Kahler e Capers (1977) escreveram acerca da Bateria de Carícias pressupondo que cada pessoa tem duas baterias, uma *Ok* e uma não *Ok* as quais necessitam de carga para funcionar. A parte *Ok* é carregada por Carícias Positivas e a não *Ok* por Carícias Negativas. Inicialmente essas cargas são feitas através dos nossos pais e depois podem ser carregadas por um mecanismo interno ou pelas relações sociais.

Esse padrão interno, de procurar mais Carícias positivas ou negativas, é estabelecido na infância e oferece uma explicação da aceitação e busca de determinadas Carícias. Em geral, as cargas desta bateria são autoperpetuantes, de modo que quando se ganha Carícias positivas mais se buscará mais fontes de oqueidade. O inverso também é válido, quanto mais Carícias negativas, mais atuante o sistema autoperpetuante de não oqueidade (KAHLER e CAPERS, 1977).

Kahler e Capers (1977) afirmam que todos precisam de certa carga na bateria para existir. Quando a bateria *Ok* não tem uma fonte suficiente ou a Não *Ok* está *fraca*, tendemos a procurar uma Carícia Negativa ou uma Desqualificação para carregar a Bateria Não *Ok*, perpetuando o modo de vida já estabelecido. De acordo com Mellor e Schiff (1980) Desqualificação é um mecanismo interno reconhecido através de pistas transacionais e comportamentais. Ao desqualificar, o indivíduo acredita ou age como se algum aspecto do self, do outro ou da realidade fosse menos significativo do que realmente é.

Quando a dor de carregar negativamente torna-se insuportável, é provável que se busque carregar a bateria Ok, ou então se desliga todos os geradores para eliminar os estímulos externos, chegando ao isolamento e morte (KAHLER e CAPERS, 1977).

A Economia de Carícias

Steiner (1980) expõe a teoria acerca da Economia de Carícias reafirmando a ideia de Berne que "As Carícias são tão necessárias à vida humana quanto às outras necessidades biológicas primárias, tais como comida, água e abrigo, necessidades que quando não satisfeitas, levarão à morte" (p.107).

A Economia de Carícias proposta por Steiner (1980) refere-se às formas controladas que a sociedade criou para obter Carícias. A livre troca de Carícias que é capacidade, propensão e direito humano, foi obstruída e colocada como não existente; em troca criou-se crenças de escassez, com consolidação de leis e costumes que defendem o não dar, pedir, aceitar ou negar Carícias.

Segundo Steiner (1980) as Carícias são uma necessidade básica do ser humano e, por isso, é possível que a sociedade utilize desta necessidade para exercer controle, passando a criar crenças e comportamentos que induzam e manipulem os seres humanos para comportamentos desejáveis. Entretanto, isto acarretou na retirada da capacidade de amar dos homens, utilizando-a como meio para obter comportamentos desejados. O resultado são pessoas famintas de Carícias, com grande massa da população sobrevivendo com menos afagos que o ideal.

Steiner (1980) ressalta que os pais criam seus filhos a partir do controle das Carícias. Estas deveriam e poderiam estar disponíveis em nível ilimitado, mas os pais as tornam limitadas, recusando algumas, e outras vezes até mesmo cobrando por elas, por exemplo, deixando-as condicionadas a comportamentos desejáveis. Esse ensinamento básico de que as Carícias não são ilimitadas produz uma sociedade com falta da mesma, na qual as pessoas vão estruturar seu tempo de modo a procurar por mais. Este modelo faz com que pessoas se tornem facilmente manipuladas por quem controla o fornecimento de Carícias.

Para conseguir a Autonomia desejada e proposta por Berne (1964), que engloba ter Consciência, Espontaneidade e Intimidade, é necessário que se rompa com os padrões de escassez de Carícias ensinados, e que o indivíduo comece a

funcionar na crença da abundância de Carícias: pedindo, aceitando e dando Carícias Positivas e negando Carícias Negativas quando couber (STEINER, 1980).

As Fomes

Berne (1976) discorre sobre as seis Fomes do psiquismo, como sendo necessidades básicas para o funcionamento emocional. A Fome de Estímulo abrange a necessidade de ter o sistema sensorial estimulado seja através da visão, audição, tato, olfato ou paladar. A Fome de Reconhecimento é caracterizada pela necessidade de receber estímulos especiais, referindo-se ao reconhecer da própria existência podendo ser feita através de atos ou palavras. A Fome de Contato diz respeito em específico ao contato físico (Carícia Física). Nosso cérebro possibilita a substituição do contato físico pelo verbal, mantendo a pessoa viva por ter reconhecimento, mas nunca é tão satisfatório quanto o toque. Alguns se padronizam em toques de dor e podem inclusive se acostumar com eles. A Fome Sexual refere-se à necessidade em ter relações sexuais adultas. Segundo Berne, o sexo é a maneira mais excitante de saciar todas as Fomes de uma só vez. Já a Fome de Estruturar o Tempo alude à necessidade humana de saber o que fazer com o tempo, dividindo-o entre diferentes atividades e objetivos. Por fim, a Fome de Incidentes menciona a necessidade de ter algo novo e diferente para modificar a rotina estabelecida. Pode levar as pessoas a se meterem em dificuldades e provocarem situações conflituosas apenas para aliviar o tédio, sendo uma das razões para praticar Jogos destrutivos.

Assim, através destas Fomes psíquicas se percebe a necessidade humana e a importância em estabelecer uma relação entre seres humanos.

Os relacionamentos líquidos e as Carícias

Quando uma pessoa internaliza em sua estrutura psíquica um padrão de Escassez de Carícias, passa a obter ou reter poucas Carícias do meio e, então, se estrutura e se sujeita a várias situações para não entrar em inanição. Assim, os próprios relacionamentos líquidos hoje podem ser uma forma escassa de obter Carícias. Dessa forma, a liberdade proposta pelo ficar, na verdade pode ser um aprisionamento em um tipo de relacionamento do qual não se pode sair para não zerar as possibilidades de ganhar o mínimo de Carícias necessário para a sobrevivência. Pode-se exemplificar tal fato ao afirmar que, nos amores líquidos, os

sentimentos mais profundos são expostos com banalidade e voracidade, pois o importante é estar em contato e não o tipo do mesmo, logo as Carícias são obtidas através da interação pobre e sem conteúdo.

O amor líquido foi estabelecido em uma sociedade de consumo extrema, a mesma a qual começou a comercializar Carícias devido à escassez emocional das pessoas. Muitos slogans de grandes marcas prometem mercadorias com gosto de amor, aconchego e felicidade, que, na verdade, não serão obtidos através de objetos, pois só são possíveis através da troca humana. Isto estabelece um ciclo, iniciado através da troca de relacionamentos duradouros por aqueles imediatos, que gera uma necessidade de ter mais, muitas vezes saciadas por objetos, que deixam o indivíduo com mais sentimento de vazio e se submetem cada vez a mais migalhas de Carícias, afinal antes pouco do que nada.

De acordo com Steiner (1980) que define a agitação como forma de procura de Carícias, pode-se pensar que a agitação sexual, promovida através da troca rápida de parceiros, bem como ter vários simultaneamente, pode ser uma tentativa de busca de Carícias até mesmo para não entrar em sistema de inanição.

Os amores líquidos e a Bateria de Carícias

Como abordado anteriormente, de acordo com Kahler e Capers (1977) temos um sistema autoperpetuante para recarregar nossa Bateria de Carícias, que tende a procurar o tipo de Carícias já acostumado a receber por nosso padrão estabelecido desde a infância. Quando a criança recebe elogios, afeto e reconhecimento tende a ter um padrão positivo de Carícias. Ao contrário, relações familiares repletas de sentimentos de abandono, rejeição, negligência, agressividade, ofensas e descaso constituem crianças com padrões negativos de Carícias.

A partir desse funcionamento podemos pensar sobre a possibilidade de existirem pessoas com um padrão de Carícias Negativas ou de receber poucas Carícias Positivas desde crianças repetindo no quadro dos relacionamentos afetivos. Dessa forma, as pessoas tendem a ingressar em amores líquidos para consolidar o padrão negativo de Carícias, pois quando são desqualificadas, tratadas como objetos de consumo, sendo descartáveis e superficiais reforçam o seu padrão já estabelecido. Bem como, as poucas Carícias obtidas pelo toque sexual ou pelos raros momentos no qual se fica com o outro, que são esporádicas, intensas, mas

não profundas, podem ser o suficiente para recarregar a bateria daqueles cujo padrão estabelecido seja bem escasso de Carícias Positivas.

O ficar e as Fomes psíquicas

Apesar de o sexo poder satisfazer todas as Fomes como proposto por Berne (1976) quando se tem relações sexuais estabelecidas por relacionamentos líquidos e frágeis, a Fome de Sexo é saciada sem que a Fome de Reconhecimento seja suprida. Muitas vezes, no dia seguinte à noite de sexo, os indivíduos sequer sabem o nome do parceiro, sendo impossível receber nestas condições uma Carícia que reconheça a existência e importância do outro.

Segundo Berne (1976), as pessoas que encontram companheiros apropriados podem ter todas as suas Fomes satisfeitas. Deste modo, os relacionamentos líquidos seriam uma forma de barrar a satisfação de todas as Fomes, pois são relações limitadas e que nem sempre geram Reconhecimento e afeto.

Quando a vida está muito rotineira e parada procuramos meios para saciar a Fome de Incidentes. Muitas vezes as consequências negativas do ficar podem saciar esta Fome, como o ser rejeitado, a possível não continuação do relacionamento, o sentimento de vazio e a própria expectativa e espera do que será do dia seguinte.

O tempo é dividido estruturalmente dependendo da maneira como é gasto. A Intimidade é uma das formas de passar bem o tempo e ter lazer com o parceiro, obtendo Carícias de forma satisfatória. Entretanto, como nos amores líquidos não existe muita possibilidade para Intimidade, o tempo é gasto em Incidentes, que podem envolver desde o contentar-se como pouco afeto e disponibilidade até permanecer na esperar e expectativa deste tipo de relacionamento tornar-se outro mais seguro e íntimo. Em função da ausência de Intimidade sacia-se a Fome de Incidentes para uma satisfação ilusória da Fome de Reconhecimento.

Os amores líquidos e os padrões de adoecimento psíquico

Erskine (1980) discorre acerca da teoria de Extorsão de Carícias que consiste na obtenção ou roubo de Carícias de outras pessoas quando estas não deram permissão, não estão dispostas ou com desejo de dá-las livremente, ou quando não é de própria escolha.

Segundo Erskine (1980), ao extorquir Carícias o objetivo ulterior é sentir-se amado e querido. Entretanto, o mal estar gerado pela situação é tamanho que ocasiona em afastamento das pessoas e, em consequência, sentimento de rejeição, de não ser aceito, nem amado. A voracidade por ser acariciada é tamanha que sugam e expulsam os próximos, dessa forma quem extorque Carícias tem dificuldades de atrair ou manter relacionamentos de casal.

Na escassez de Carícias da atualidade líquida, é possível que se utilize do recurso da Extorsão. A realidade virtual, cuja essência é obter o maior número de curtidas possível, expondo a vida privada de maneira banal e superficial, e cujos relacionamentos são permeados por distanciamento físico e pela troca de conteúdo por quantidade de conexões estabelecidas, propicia um ambiente no qual as Carícias positivas e incondicionais são quase nulas precisando-se, então, de recursos como o da Extorsão. É um comportamento autoperpetuante, pois quanto mais se rouba afagos, mas cria-se distanciamento entre os seres e dificuldades de relacionamentos, tornando as Carícias mais escassas e, por conseguinte, roubando mais.

Os amores sólidos e verdadeiros

Bauman (2003) afirma que as possibilidades de amores líquidos são imensas, entretanto a facilidade de engajamentos e rompimentos somente distribuem os riscos, sofrimentos e ansiedades de forma diferente das vistas nos relacionamentos estáveis.

Esse aproximar-se e afastar-se permitidos pelas relações líquidas consegue de forma não efetiva promover a liberdade ao mesmo tempo em que sacia a necessidade de pertencimento, entretanto não alcança as verdadeiras relações Íntimas e de Carícias positivas.

O amor verdadeiro é definido pela capacidade do eu expandir-se e doar-se ao objeto amado, sendo força criadora e geradora, propiciando cuidado, alteridade, Carícias e afagos. Ou seja, a compulsividade por relacionamentos líquidos acarretará numa incapacidade de amar e de ter Intimidade.

As Permissões propostas por Steiner (1980) consistem em mudar os padrões limitantes acerca dos afagos para crenças de dar, pedir, aceitar e rejeitar Carícias, estabelecendo um padrão de Carícias livre, ilimitado e abundante para todos. De maneira tal que nos relacionamentos, os vazios poderiam ser preenchidos por

carinhos, saciando nossas Fomes. Entretanto, para isso seria necessário entrar em Intimidade.

Berne (1974) afirma que "A verdadeira Intimidade é a única resposta completamente satisfatória aos anseios de estímulo, reconhecimento e estruturação do tempo. Seu protótipo é o ato de fecundar com amor". (p.22)

Assim, talvez as relações propostas pela cultura entre sexo, amor, segurança, permanência e parentesco não sejam antiquadas e sim uma ligação que propõe sustento ao sexo para que possa ter recompensas potenciais em vários aspectos.

Além disso, relacionamentos mais saudáveis e íntimos podem proporcionar mais alegria às pessoas, pois, como dito por Steiner (1980), "à medida que as pessoas estejam satisfeitas de Carícias serão capazes de buscar e conseguir harmonia consigo, com os outros e a natureza" (p. 113).

Considerações Finais

A Análise Transacional é uma abordagem teórica que permite pensar a atualidade através de embasamentos psicológicos. A Carícia, proposta por esta metodologia, é uma temática simples e profunda a qual permite avaliar as várias formas pelas quais as pessoas se relacionam. O amor líquido é uma teoria contemporânea acerca dos relacionamentos de casal na sociedade atual.

Com as aproximações destas teorias foi possível refletir sobre a maneira como a sociedade atual tem criado relacionamentos afetivos frágeis e descartáveis, o que vai contra a condição humana de dependência de Carícia advinda de outros. Dessa maneira, os amores líquidos podem estar ocorrendo para reforçar e repetir padrões de Carícias estabelecidos na infância, e são uma forma de aprisionar em tipos de relacionamentos que pelo menos fornecem o mínimo de Carícias possíveis. Os amores líquidos não saciam todas as Fomes psíquicas e podem, inclusive, ser uma maneira de Extorsão de Carícias. Logo, percebe-se que os amores líquidos não oferecem uma quantidade suficiente de Carícias positivas e nem uma verdadeira Intimidade. Entretanto, são as Carícias positivas e a Intimidade que podem levar à alegria, Autonomia e relacionamentos mais saudáveis.

Com este trabalho pode-se pensar na hipótese de que devido a pouca Intimidade, é possível que se aceite amores líquidos para que se receba o mínimo necessário de Carícias. Entretanto, dado que este artigo se restringe a uma

discussão teórica do tema, fazem-se necessários mais pesquisas e estudos sobre a aproximação e relação dos assuntos, bem como aprofundar o tema.

As aproximações das teorias do amor líquido e das Carícias podem enriquecer os leitores ao propiciar um conhecimento e permitir reflexões acerca dos relacionamentos. Em específico para psicólogos clínicos, é possível repensar em intervenções terapêuticas através das Carícias para abordar temas como o ficar e suas consequências, trazidas para consultório cotidianamente.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido** – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003. 190p.
- BERNE, Eric. **O que você diz depois de dizer olá?** 2.ed. São Paulo: Nobel, 1988. 357p.
- BERNE, Eric. **Sexo e Amor**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed, 1976. 216p.
- BERNE, Eric. **Os jogos da vida**. São Cristóvão: Artenova, 1974. 174p.
- CASALE, Franco Del. **A Arte de Compartilhar a Vida**. São Paulo: Summus, 1995. 221p.
- ERSKINE, Richard G. **Identificação e Cura da Extorsão de Carícias**. TAJ – JAN 80.
- GOULDING, Mary Mclure; GOULDING, Robert. **Ajuda-te pela Análise Transacional** – A Arte de viver bem com a terapia da redecisão. 4.ed. São Paulo: Ibrasa, 1985. 305p.
- JAMES, Muriel; JONGEWARD, Doroty. **Nascido para vencer: Análise Transacional com Experiências Gestalt**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- KAHLER, Taibi; CAPERS, Hedges. O Miniscript. In: **Prêmios Eric Berne**. Porto Alegre: UNAT – Brasil, 1980. p.56-81.
- KÉRTÉSZ, Roberto. **Análise Transacional ao vivo**. São Paulo: Summus, 1987. 167p.
- MELLOR, Ken; SCHIFF, Eric. Desqualificação. In: **Prêmios Eric Berne**. Porto Alegre: UNAT – Brasil, 1980. p.130-139.
- STEINER, Claude M. A Economia de Carícias. In: **Prêmios Eric Berne**. Porto Alegre: UNAT – Brasil, 1980. p.107-114.